

A representação do português nos discursos de alunas indígenas

Rafaela Cristo do Carmo¹

Aline Mangabeira Moçambique²

Rosinéa Auxiliadora Pereira dos Santos³

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar os discursos de alunas indígenas a fim de compreender como ocorrem as representações da língua portuguesa. Para isso, o apoio teórico e metodológico deste trabalho foi a Teoria da Análise do Discurso Francesa e essa teoria compreende a língua como um processo simbólico de acordo com o meio social e histórico do sujeito, a maioria dos alunos indígenas do CESTB não consideram o português como língua materna. Nos dados, observou-se diferentes formas de representação da língua portuguesa e da identidade das entrevistadas.

Palavras-chave: representação; língua portuguesa; discurso.

RESUMEN: El objetivo de esta investigación fue analizar los discursos de alumnas indígenas a fin de comprender cómo ocurren las representaciones de la lengua portuguesa. Para esto el apoyo teórico y metodológico de este trabajo fue la teoría de Análisis del Discurso Francés y esta teoría comprende la lengua como un proceso simbólico de acuerdo con el medio social e histórico del sujeto, la mayoría de los alumnos indígenas de lo CESTB no consideran el portugués como su lengua materna. En los datos, observamos diferentes formas de representación de la lengua portuguesa y la identidad de las entrevistadas.

Palabras-clave: representación; lengua portuguesa; discurso.

Introdução

Não há como negar que em uma região de fronteira como é o caso de Tabatinga Amazonas, a população tenha contato com mais de uma língua, além do português que a língua oficial do nosso país, os moradores daqui entram em contato com o espanhol língua falada pelos vizinhos colombianos e peruanos e também com as línguas indígenas mais precisamente com a língua Ticuna, que tem a maior população de falantes da região.

Nessa perspectiva, procuramos nos atentar para alunos indígenas, tendo em vista que a necessidade que eles têm para aprender a falar a língua portuguesa é grande, porque eles precisam ingressar no mercado de trabalho, nas escolas onde as aulas são ministradas em português e sobretudo na Universidade onde a cobrança da língua é bem maior tendo em vista que para eles a língua portuguesa ocupa o status de segunda língua ou (língua estrangeira),

¹ Acadêmica do Curso de Letras do CESTB.

² Acadêmica do Curso de Letras do CESTB.

³ Professora MsC da Universidade do Estadual do Amazonas. Doutoranda em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas.

levando em conta que para a psicanálise a língua materna segundo Cavallari e Uyeno (2011) é a que constitui a base psíquica do sujeito.

Em virtude dos fatos mencionados, entende-se que para se aprender uma nova língua, o sujeito constrói novas identidades, adequa-se aos novos discursos do ambiente em que está inserido, constrói representações sobre o que se aprende de novo e passa a significar-se de outras formas. Portanto, pensar como se dá a representação da língua portuguesa como segunda língua para estes indivíduos é necessário, porque o confronto que ocorre entre línguas materna e estrangeira afeta o psíquico desses alunos, visto que eles serão futuros professores e ensinarão outros alunos. O presente trabalho desenvolveu-se nos pressupostos da Análise do Discurso, dessa forma, esse estudo esclarecerá aos não indígenas, como ocorre a representatividade da segunda língua para os indígenas.

1. A análise do discurso e sua relação com o sujeito, a história e o inconsciente

Para compreendermos os discursos dos alunos indígenas em relação a língua portuguesa é necessário conhecermos como isso ocorre a partir da teoria da Análise do Discurso Francesa. Segundo Orlandi (2008), essa teoria surgiu nos anos 60, em meio a um contexto intelectual no qual houve duas rupturas: o avanço da Linguística e um novo modo de ver a leitura. Antes dos avanços linguísticos, no texto, considerava-se apenas o que ele queria dizer e nada mais e a leitura era apenas decodificada, ou seja, não se levava em conta o conhecimento de mundo do leitor, as inferências, entre outros aspectos que podemos extrair de um texto.

Mas também, com o surgimento da Análise do Discurso, passou-se a trabalhar a opacidade do texto, considerando a presença do político, do simbólico, do ideológico no funcionamento da linguagem. Quanto ao político há relações de poder entre os sujeitos, este trata-se das relações hierárquicas dentro da sociedade, ao passo que no simbólico, o sujeito é significado através do uso de metáforas conceituais a partir das relações de semelhança e o ideológico são as concepções de ideias que se tem sobre determinado objeto simbólico lembrando dos equívocos nos quais a linguagem está submetida.

Além disso, ressalta-se que o tripé da Análise do Discurso é o sujeito, a história e o inconsciente. O sujeito é parte do sentido, porque ele se significa a partir da história, segundo Orlandi (2008, p. 44) “o sentido é história e o sujeito se faz na historicidade em que está inscrito”, ou seja, para haver uma significação o sujeito representa-se por práticas discursivas que estão marcadas na história e que em algum momento será despertado por seu inconsciente que por sua vez é determinante no processo do pensamento, visto que o inconsciente segundo

Freud (apud CHEMAMA, 1995, p.106) é “a instância constituída de elementos recalçados”, ou seja, esses elementos estão retidos na mente e em determinado momento de alguma forma eles entrarão em ação através do imaginário do sujeito.

A Análise do Discurso nos permite ainda compreender os vários sentidos do discurso relacionados aos pontos essenciais que esta teoria possui que é a interrelação entre a memória, o discurso e a prática discursiva. A memória está relacionada com os resquícios deixados pela história e que em algum momento o sujeito irá ativá-la. Segundo Orlandi (2015), a memória é o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra, enquanto que o discurso retrata as formações discursivas; já a prática discursiva é os vários sentidos de um determinado objeto simbólico que são propagados nas diversas instâncias da sociedade, também chamados de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE).

Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas [...] os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) são: religiosos, escolar, familiar, jurídico, sindical, informação e cultural (ALTHUSSER, 1970, p. 43).

Estas instituições funcionam precisamente por suas ideologias propagadas, que afetam os indivíduos, porque estes Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) podem incluir e excluir os mesmos, dependendo da ideologia que eles interpelam, por exemplo, um indivíduo que não frequenta a escola não se sentirá incluso no AIE escolar, pois a ideologia destes não o identifica.

Vale ressaltar que os Aparelhos Ideológicos de Estado se inter-relacionam com as práticas discursivas por estas não se formarem individualmente e sim de ideias coletivas sobre regras que foram marcadas pela história na sociedade, em consequência de no discurso, o sujeito precisar obedecer regras, em outras palavras, padrões estabelecidos que são considerados como modelos corretos a serem seguidos. Isto porque:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala [...] (FOUCAULT, 1996 [1970], p. 9).

Isto é possível notar na sala de aula, por exemplo, quando observamos que na graduação alguns alunos indígenas conhecem pouco da norma culta da língua portuguesa e o professor diz a ele que ele escolheu estudar português, então ele precisa saber apresentar os trabalhos de acordo com a norma culta da língua, para então se adequar ao sistema institucional, no caso a Universidade. Nota-se, as relações de poder, pois o professor é autoridade da sala e o aluno, o subalterno.

Com isso, Orlandi (2015, p. 41), afirma que “as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas”, isso quer dizer que para ser estabelecido um sentido a determinado tema, primeiro, isso é feito através de representações ideológicas, e elas se relacionam porque a partir de certos acontecimentos históricos, o sujeito compreende o que pode e o que não pode ser dito na situação em que se encontra.

A ideologia está associada à linguagem, pois ela estabelece formas de sentido aos sujeito. Há duas formas de conceituar ideologia, uma é o significado fraco e a outra é o significado forte:

Tanto na linguagem política prática, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à Ideologia pela frequência com a qual é empregada [...] ideologia no significado fraco é um conceito neutro, que prescinde do caráter eventual e mistificante das crenças políticas. No significado forte, ideologia é um conceito negativo que denota precisamente o caráter mistificante de falsa consciência de uma crença política (BOBBIO et al., 2016, p. 585)

Neste primeiro significado, vale ressaltar que ideologia apresenta imparcialidade e que é usada apenas para orientação da sociedade, como por exemplo, as crenças e doutrinas que as pessoas seguem nos meios sociais. No segundo, ela é tida como falsa porque ela emite expectativas nos sujeitos, pois, as crenças e as doutrinas na verdade são relações que acabam alienando esses sujeitos fazendo com que estes não busquem saber se realmente estas ideologias propagadas são corretas para eles se sujeitarem.

Pode-se dizer também que “ao se propiciar a tomada em consideração do imaginário na relação do sujeito com a linguagem, dá-se um novo lugar à ideologia e compreende-se melhor como se constituem os sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 94). Isto porque estabelecem-se através do imaginário os moldes das ideologias de acordo com o que os sujeitos vivenciam no seu dia-a-dia, tomando por exemplo, as ideologias que se tem a respeito do indígena que é representado nos livros didáticos como uma pessoa que vive na mata, que não trabalha, que anda despido, como se esta fosse a única verdade em relação a eles.

Diante do exposto, os pressupostos da Análise do Discurso, discutidos por Orlandi (2008) atestam que não podem haver sentido sem interpretação e está interpretação dá-se nos níveis de quem fala e de quem analisa, porque quem fala, fala com uma intenção e quem analisa compreende de outra forma e a partir daí serão notados como ocorrem as funcionalidades do texto, observando o que foi dito e também o não-dito no discurso.

1.1. A relação entre sujeito, representação de língua e construção da identidade

Nesta sessão estaremos refletindo sobre a relação entre o sujeito, a língua e a construção da identidade, lembrando que partiremos do pressuposto político e do viés psicanalítico para tratar de língua. A língua, no viés político, está associada com a demarcação de território, a distinção de povos, com a definição de nacionalidade dos indivíduos, mas, ressalta-se que há um amplo conjunto de significados para definir língua.

Outros tipos de adjetivação sobre o vocábulo língua surgem como: língua minoritária x língua de prestígio, língua nacional, língua oficial, língua materna x língua estrangeira, enfim, um conjunto de caracterizações vinda de relações sócio-políticas (SANTOS, 2013, p. 135)

Por sua vez, o conceito de língua no viés psicanalítico está relacionado com a constituição identitária do sujeito, onde ela se relaciona como língua materna e estrangeira, sendo a materna aquela que ele adquire ao nascer e a estrangeira como uma segunda língua que o sujeito terá de aprender, vejamos.

O sujeito se constitui pela e na linguagem: é ela que o torna barrado, ser social; trata-se do sujeito psicanalítico: fraturado, cindido, dividido, que transita num espaço em que as fronteiras entre o consciente e o inconsciente são tênues e movediças, em que a possibilidade de (auto)controle esbarra a todo momento com a impossibilidade (CORACINI, 2007, p. 135).

Isto porque o sujeito é incompleto e por este motivo está sempre em busca de algo para preencher este vazio que o cerca, pois ele é frágil e inconstante e geralmente é separado do que normalmente é prestigiado. No caso dos estudantes indígenas, eles buscam a sua completude na formação de ensino superior, pela necessidade de se integrarem nacionalmente em virtude de não sofrerem preconceitos.

O sujeito, segundo Orlandi (2008), é interpelado pelas ideologias, através disso ele passa a significar-se pelo simbólico na história, ou seja, o sujeito, a partir do meio em que ele vive, passa a exercer diferentes papéis sociais, buscando sempre o seu lugar no mundo. De fato, quando o sujeito é interpelado pelas ideologias ele é estigmatizado, ele adere a novas

concepções de mundo. Os papéis sociais nas quais muitas vezes o sujeito é submetido como, por exemplo, de aluno, pai, filho, funcionário, entre outros, fazem com que ele se signifique pelo simbólico.

Sendo assim, o conceito de língua torna-se complexo, pois além de ser objeto destinado a comunicação, é também a representação de povos de todos os lugares que os diferenciam entre si. A língua não está associada somente como uma demarcação de território no qual predomina apenas uma única língua, porque pode ocorrer num mesmo território a ocorrência de mais de uma língua.

Na língua materna, isto é, precisamente para os membros de uma comunidade linguística dada, o sinal e o reconhecimento estão dialeticamente apagados. No processo de assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a “sinalidade” e o reconhecimento que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua. A assimilação ideal de uma língua dá-se quando o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão (BAKHTIN, 1981, p. 69).

Levando em consideração a afirmação, observa-se que para compreender o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, é necessário que a consciência do indivíduo esteja ligada a todos os processos linguísticos que esta língua possui. Conhecer o sinal como é mencionado acima não é suficiente, isso, porque ele não transmite uma informação precisa sobre um referente, pois não tem um conteúdo ideológico, ele serve apenas como um aparato técnico.

O signo ao contrário do sinal, tem um valor ideológico que transmite diversas ideologias nos diferentes casos em que está inserido, por isso no processo de assimilação de uma outra língua ele é mais importante que o sinal, porque o sujeito a partir daí reconhece e compreende de forma clara e precisa a língua que deseja aprender. Ressalta-se também que “a língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas” (BAKHTIN, 1981, p. 69), porque o falante não a tem como um dicionário e sim como objeto que se adapta ao contexto em que ele se encontra e que ele só perceberá as normas quando estiver em uma situação de conflito.

A língua, segundo Coracini (2007) atribui ao sujeito, um lugar na sociedade ela o compõe, porém, a língua do outro o priva desse lugar, impede-o de ocupar um lugar confortável no grupo a que pertence, perturba o sentimento de pertença, de identidade, pois ele não se sente representado pela língua do outro. Vejamos, que assim como a língua possui autonomia para identificar o sujeito deixando-o a vontade em suas relações com outras

pessoas ela também priva o sujeito dessa identificação, quer dizer, quando ele participa de outra comunidade de fala, diferente da sua, ele se sente como se não pertencesse a este lugar.

Tendo em vista esses aspectos, ressalta-se a formação da identidade do sujeito que também está relacionada com a língua que de acordo com Hall (2011), o sujeito em diferentes momentos, assume identidades diferentes e que estas se contradizem dentro de nós, fazendo com que nossas identificações sejam deslocadas, fatores que ocasionam essas mudanças nas nossas identidades, são os avanços tecnológicos, migração para outros países, entre outros.

Outro fator, exemplificando a região, tem-se a relação de alunos indígenas que entram na faculdade para estudar língua portuguesa, porque não a consideram como língua materna⁴ mesmo que eles estejam em território brasileiro, então a partir do momento que eles buscam conhecimentos a respeito de outra língua eles também passam a significar-se também por ela e neste caso haverá reconstrução de identidade, pois o autor também afirma que:

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p. 12)

Dessa maneira, na formação da identidade do sujeito, a questão da língua é importante para compreendermos como esse processo de identificação ocorre, principalmente em regiões onde há grandes misturas culturais como é o caso da cidade de Tabatinga, que a todo momento somos impactados pelo choque cultural que há na região e assim, nos identificamos mesmo que temporariamente, lidamos com a cultura indígena, com a cultura colombiana e peruana ao mesmo tempo.

2. Metodologia

Na presente pesquisa foram desenvolvidos os métodos da Análise do Discurso, segundo Orlandi (2015) o analista compreende como se constitui os sentidos e os sujeitos a partir de etapas, e estas permitem a formação do dispositivo para análise. A pesquisa foi realizada na Universidade do Estado do Amazonas no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga no curso de Licenciatura em Letras.

Para a realização da pesquisa partimos da pergunta: quais as representações da língua portuguesa nos discursos de alunos indígenas da Universidade do Estado do Amazonas?

⁴ A partir de uma perspectiva psicanalítica, a língua materna é o lugar de interdição, já que interdita ou barra o sujeito, por carregar, em si, o peso da história desse sujeito (MELMAN *apud* CAVALLARI E UYENO, 2011, p. 129), a maioria dos alunos indígenas do CESTB são da etnia Ticuna e não consideram a língua portuguesa como língua materna.

Escolhemos este tema porque é pouco estudado pela Universidade e porque há uma grande quantidade de alunos indígenas na graduação.

Os passos para a realização da pesquisa foram uma entrevista semi-estruturada, que serviu como roteiro para obter as informações. Fizemos gravações em áudio da entrevista, com o devido consentimento das informantes, onde elas assinaram termos de comprometimento que estavam cedendo as informações de livre vontade. As informantes da pesquisa foram duas alunas do curso de Licenciatura em Letras.

As informantes chamam-se Tauane⁵ e Roama⁶, ambas são da etnia Ticuna, cursam o oitavo período de Letras na Universidade do Estado do Amazonas, não trabalham, moram com os pais, são solteiras e consideram a língua Ticuna como língua materna e a língua portuguesa como segunda língua. Tauane tem 25 anos, tem uma filha e mora na comunidade do Umariacú II, Roama tem 24 anos, não tem filhos e mora no município de Benjamin Constant.

Após os procedimentos acima citados, realizamos as análises dos dados, onde selecionamos recortes, que são fragmentos da entrevista que de acordo com Orlandi (2015), para delimitar o corpus da pesquisa, faz-se recortes na medida em que se vai incidindo o trabalho de análise. Por isso, selecionamos 4 recortes da entrevista com cada informante, totalizando 8 recortes que constituíram o corpus da pesquisa.

Nestes recortes, analisamos como que ocorreu a representação da língua portuguesa no discurso dessas alunas, relacionando com o embasamento teórico, sobre as questões de representações conforme Orlandi (2015) na análise de discurso, os procedimentos demandam um ir-e-vir constante entre a teoria, o corpus e a análise durante as reflexões do material coletado. Por fim, nesse processo encontramos nos discursos dessas alunas como se deu as representações da língua portuguesa.

3. A representação da língua portuguesa nos discursos de alunas indígenas

Nesta sessão, faremos a análise dos discursos das alunas indígenas do curso de graduação em Letras do CESTB, com a finalidade de saber como se dá a representação da língua portuguesa para Tauane e Roama.

Vale ressaltar, que faremos o uso de metáforas conceituais⁷ para construirmos as representações da língua em questão, que de acordo com Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2015) o

⁵Tauane é um nome fictício criado para a informante 1 que significa “estrela” de origem Tupi.

⁶Roama também é um nome fictício criado para a informante 2 que significa “permanece em pé” de origem Tupi.

⁷ Metáforas conceituais de acordo com Lakoff e Johnson (*apud* Rezende et al. 2011, p.1-2) as metáforas são como um dos cinco sentidos, a linguagem cotidiana é fundamentalmente metafórica, pensamos

efeito metafórico é um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, com o uso delas será possível identificar nos discursos a transferência de significação sobre o tema abordado na pesquisa porque dessa forma se constituem os sentidos, nos deslizes pelo efeito metafórico (ORLANDI, 2015).

Nos recortes seguintes, estaremos analisando como ocorre a representação do português no discurso de Tauane aluna do oitavo período de Letras.

Recorte 1: Eu feiz esse curso de letras porque é importante pra mim...pra mim ajudar meus colegas::⁸ e...⁹ ainda não dominar bem o portugueis, para ajudar meus parente....e pra mim mesmo...pra adquirir mais meus conhecimento... É...difícil de falar língua portugueis:::porque não é língua materna, as vezes falas língua portugueis na minha casa porque algumas veiz também visitar os colegas civilizados ou amigos mesmos.

No primeiro momento, Tauane revela o português como sendo a língua do conhecimento, pois a língua torna-se importante para ela no dia-a-dia por motivos pessoais, como por exemplo, ajudar os colegas que possivelmente não falam esta língua. Notamos que a língua toma importância para ela para ampliação de seus horizontes intelectuais por este motivo ela escolheu o curso de letras.

Ainda no recorte 1, Tauane representa a língua portuguesa como sendo a língua não dominada, notamos isso no trecho que ela diz “ainda não dominar bem o portugueis”, é possível observarmos o uso do verbo dominar que segundo Ferreira (2000) significa exercer autoridade sobre algo, influência ou poder, observamos que estes significados emitem prestígios e Tauane reconhece em seu discurso a falta de domínio em relação a língua portuguesa quando ela usa os termos “eu feiz, não dominar” pois sabemos que na norma culta da língua portuguesa não é adequado falarmos dessa maneira, por isto ela diz não ter domínio.

Além disso, no discurso de Tauane é possível observarmos que ela representa a língua portuguesa como sendo a língua do conflito, pois é possível notarmos que há um confronto entre a língua materna Ticuna e a segunda língua que é o português. Nota-se isto quando no trecho ela diz “é...difícil de falar língua portugueis:::porque não é minha língua materna”, vimos que ela sente dificuldade em falar a língua portuguesa justificando que esta não é sua língua materna pois “toda tentativa de tentar aprender uma outra língua vem perturbar,

metaforicamente e estas metáforas conceptuais são explicitadas pela linguagem, elas são figuras do pensamento, visto que a origem é na mente e não na língua.

⁸ /:::/ Que aparecerão nos recortes significa pausa na fala das entrevistadas.

⁹ /.../ Que aparecerão nos recortes significa vogais prolongadas na fala das entrevistadas.

questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (REVUZ *apud* UYENO & CAVALLARI, 2011, p.129), por estes motivos notamos no discurso de Tauane um conflito em relação a segunda língua.

Outro aspecto a ser abordado, é o fato de Tauane representar o português como sendo a língua do civilizado, em um trecho do recorte 1 ela diz “as vezes falar língua portuguesa na minha casa porque algumas vezes também visitar meus colegas civilizados ou amigos mesmos”, notamos neste trecho questões que remetem a significação de Tauane afetada por resquícios históricos.

Quando dizemos que o sujeito, para se constituir, deve-se submeter à língua, ao simbólico [...] no caso, pelo jogo da língua na história, na produção de sentidos. É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos. Algo do mundo tem que ressoar no “teatro da consciência” do sujeito para fazer sentido (ORLANDI, 2008, p. 102)

Neste caso, observamos que Tauane, é afetada pelo discurso que era impregnado pelo colonizador de que apenas o homem branco é civilizado, isto fica evidente em sua fala quando ela se refere ao não índio como civilizado, dessa forma notamos que ela ainda é afetada por este acontecimento em que o indígena era e não deixa de ser estereotipado, fazendo com que estes sujeitos se signifiquem desta forma como inferior ao não indígena. Vejamos a seguir outros recortes.

Recorte 2: É...a língua portuguesa que representa pra mim::: É... algu que necessário:::É...muito importante para...para....conseguir um trabalho...ou vender::: ou comprar.

No recorte dois, a língua é simbolicamente representada pelas questões que remetem ao poder¹⁰, pois a língua é necessária e inevitável para ela, porque se ela não souber falar português ela sente que não será capaz de se integrar na sociedade por pertencer a um grupo da população que mesmo sendo brasileira não tem o português como primeira língua.

Podemos dizer também que “a determinação histórica na constituição dos sentidos e dos sujeitos tem uma forma material concreta distinta nas diferentes formas sociais” (ORLANDI, 2008, p,104), é possível observarmos isso no discurso de Tauane quando ela diz que a língua “é muito importante para conseguir um trabalho ou vender ou comprar”, neste caso, a constituição de sentido e de sujeito é dada através do mundo capitalista em que vivemos, pois ela é interpelada por esta ideologia, vejamos;

¹⁰ A palavra poder possui inúmeras definições. Em sentido geral designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos se referindo a indivíduos, objetos etc. No âmbito social, a palavra poder se refere à capacidade de um indivíduo ou grupo social determinar o comportamento de outro indivíduo ou grupo social (BOBBIO, et al. 2016).

O sujeito moderno-capitalista é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado pela exterioridade e determinante do que diz: essa é a condição de sua responsabilidade [...] e de sua coerência, que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de sua vontade. Não só de si mesmo. Bastando ter poder... (ORLANDI, 2008, p. 104)

Dessa maneira, sabemos que Tauane é livre, porém, submissa a língua portuguesa para poder ingressar no mercado de trabalho, ela é afetada pelo mundo exterior porque ela reconhece que precisa fazer parte da comunidade dos falantes do português e assim controlar suas vontades, e sobretudo ter o poder de aquisição, e então não se sentirá mais insegura diante dos não indígenas. A seguir analisaremos o terceiro recorte.

Recorte 3: Pra mim significa fala portugueis que...que algu importante para defendê meus povus que sofremus:: algumas veiz que os civilizados que ofenderas não valoriza nosso povu...por isso a língua portugueis é maior significação para mim.

Neste terceiro recorte, a informante revela que a língua portuguesa é como se fosse uma “arma” usada para sua defesa, vejamos o trecho em que evidenciamos isso, “para mim significa fala portugueis que..., que algu importante para defendê meus povus que sofremus” observar-se o uso do verbo “defender” em que alguns dos significados segundo Ferreira (2000) são do tipo resistir a ataques, proteger-se ou livrar-se, notamos que na perspectiva de Tauane se ela aprender a segunda língua ela estará apta a resistir aos preconceitos que normalmente os indígenas enfrentam, e isso é evidenciado através do verbo “sofrer” atentemos para o significado deste, que é ser atormentado, afligido, por suportar ou aguentar algo (FERREIRA,2000), neste caso, observamos no discurso de Tauane esses sentimentos de tormenta por querer aprender a língua portuguesa para defender-se por ser afetada pelas ideologias voltadas para o sujeito indígena.

Ainda no terceiro recorte vejamos que Tauane mais uma vez é afetada pela historicidade quando ela diz “algumas veiz que os civilizados que ofenderas não valoriza nosso povu”, de acordo com Cavallari e Uyeno (2011) os europeus julgavam os povos “não civilizados” como desprovidos de direitos que eles, europeus, tinham; eles julgavam-se os donos da civilização e das leis, e assim, todos os outros povos deviam reger-se pelas normas e leis vigentes na Europa. Dessa forma, esse discurso até hoje ainda está impregnado na sociedade, e ainda afeta a população indígena, pois evidenciamos no discurso de Tauane por

ela referir-se ao não indígena como “civilizado”, e que estes não reconhecem os valores dos indígenas.

Nesse contexto, observamos que por vários motivos, como por exemplo, os acima citados, Tauane diz que “por isso a língua portuguesa é maior significação pra mim”, segundo Orlandi (2008, p. 114) “a incompletude é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível.”, observamos que a aluna sente-se incompleta diante das barreiras que afetam-na como sujeito histórico e para que ela chegue a sua completude desejada é preciso que ela aprenda a língua portuguesa, considerando que esta é importante para ela, pois como ela é indígena, e a maioria da população fala português, ela precisa falar também para se encaixar.

Vejamos agora o quarto recorte.

Recorte 4: O português representa pra mim lutar por meu povu::: porque os Ticunas também tem uma vida:::pra liberdade na comunidade, pra num sofrerem de preconceito...porque nós universitário sofrerem na sala de aula alguns preconceito de... de... colegas e professores:::o português é importante porque...us povus indígenas também são capais...de...de enfrentar us obstáculos...não é só o civilizado que é capaz.

Neste recorte, podemos ver que no primeiro momento a língua portuguesa é representada como um símbolo de luta, vimos isto no trecho em que ela diz “pra mim lutar por meu povu::: porque os Ticuna também tem uma vida” notamos que ela sente que os não indígenas não os consideram como pessoas capazes de crescerem intelectualmente ou de outras formas, pois ela menciona que a língua é importante para ter “liberdade na comunidade...pra num sofrer preconceito”. Diante do exposto, Rocha (2004) afirma que o etnocentrismo expressa um choque cultural, onde há o grupo do “eu” e o grupo do “outro”. No grupo do “eu” a sociedade é melhor, é superior, a cultura e a civilização é representada com excelência, nela existe o saber, o trabalho e o progresso. No entanto, na sociedade do “outro”, ela é atrasada, é anormal, ininteligível. Notamos que Tauana, representa essa questão do “eu” perante o “outro” em seu discurso, pois se observarmos, várias vezes ela refere-se ao não indígena com o “civilizado” passando a se identifica como o “outro”, portanto não “civilizado”.

Logo, a aluna representa a língua portuguesa como um passaporte para conseguir um futuro melhor, observamos quando ela diz “us povus indígenas também são capais...de...enfrentar us obstáculos... não é só o civilizado que é capais” a aluna se impõe como capaz porque os povos indígenas brasileiros carregam consigo uma bagagem histórica, observamos isto nos livros didáticos onde sua figura é estereotipada.

Os livros didáticos, carregam um valor de autoridade, ocupam um lugar de donos da verdade. O que faz com que as informações contidas neles acabem se fixando no fundo da memória de todos nós. Alguns livros colocavam que os índios eram incapazes de trabalhar nos engenhos de açúcar por serem indolentes e preguiçosos, o índio é para o livro didático como, apenas uma forma vazia que empresta sentido ao mundo dos brancos (ROCHA, 2004, p.16-17).

Portanto, considerando esta afirmação, podemos dizer que Tauane encontra na língua portuguesa um subterfúgio para que ela e o seu povo não sejam mais vistos de forma negativa, pois como ela mesmo disse, eles são capazes de enfrentar todos os obstáculos e assim conquistarem seu espaço na sociedade.

Nos próximos recortes estaremos tratando das representações da língua portuguesa para a aluna Roama.

Recorte 5: Bom...a língua portuguesa é:: complicada...não é pra pessoa que já nasceu com essa língua como idioma:::como Eu sou indígena e minha língua é Ticuna, eu tive que me adaptar pra ter domínio das duas línguas [...] tive que me adaptar desde criança.

No primeiro momento, a entrevistada representa a língua portuguesa como complicada, isto quer dizer, difícil, complexo e Roama reconhece que o português é uma segunda língua, podendo ser considerada estranha porque “a língua estrangeira é por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância [...] elas não serão jamais da mesma ordem” (REVUZ *apud* CAVALLARI E UYENO, 2011, p. 320), Roama diz que por ser indígena ela teve que se adaptar ao português, este verbo remete ter capacidade legal para certos atos, neste caso, ela busca essa capacidade para falar a língua portuguesa.

Ainda neste recorte, esta consciência de língua materna e segunda língua dá-se porque segundo Revuz (*apud* SANTOS, 2013, p. 42) “a língua materna é a base de toda nossa estruturação psíquica, ultrapassando, pois, os limites de um mero instrumento de comunicação, a língua materna é o que faz o sujeito não ter consciência de que aprendeu algum dia”, por isso, Roama não se reconhece como falante do português como primeira língua e sim como segunda.

Vejamos agora como ocorre a representação no recorte seis.

Recorte 6: Hum:: É... A organização na hora de falar uma frase assim em português::: Eu fico enrolada e não consigo me expressar:::

realmente...organizar a frase como deveria:: por isso eu estudo né... a tradução das palavras::Eu não consigo é falar corretamente...Eu compreendo:: [...] por conta da minha língua e por eu ser indígena eu não consigo transmitir aquilo que eu gostaria... de transmitir...para os meus colegas que não são indígenas.

Neste sexto recorte, notamos que Roama, admite que o português é a língua na qual ela não consegue se expressar. E é a língua que a deixa “enrolada”, “confusa” e que não consegue organizar os enunciados em sua mente, ela diz também que ela não sabe falar corretamente¹¹, porque a língua materna de acordo com Coracini (2007) possui um lugar de repouso, de segurança, de realização do desejo fundamental de completude, observamos que ela não tem esses sentimentos em relação a língua portuguesa por isto ela diz “por isso eu estudo, né?” podemos dizer que através dos estudos Roama sente que conseguirá este repouso e segurança que ela tem na língua Ticuna.

Ainda neste recorte, ela representa a língua portuguesa como a língua do conflito, vejamos o trecho: “por conta da minha língua e por eu ser Ticuna eu não consigo transmitir aquilo que eu gostaria...de transmitir” este processo ocorre porque conforme Coracini (2007) a língua estrangeira compõe conjuntos de fragmentos “estranhos”, ela é a língua do estranho, do outro, outra cultura, outro modo de ver o mundo, de se relacionar com os outros, isto perturba e confunde os sujeitos, por isso, Roama diz que não consegue transmitir o que gostaria. Ela atribui isto ao fato de ser indígena, sua identidade representada pelo objeto simbólico em questão, a língua, que a afeta como sujeito fazendo com que questione o modo dela de ser e de se posicionar.

A seguir veremos a análise do recorte sete.

Recorte 7: A língua portuguesa representa pra mim...algu...importante pra mim consegui um trabalho né?...porque sem a língua portuguesa eu num vo consegui um trabalho...e por isso eu preciso ter domínio da língua portuguesa na minha vida... e também por outras coisas::as vezes tem um amigo indígena que não vai saber falar em português...e ai:: se eu entender as duas línguas eu posso ajudar....

Neste recorte, Roama fala da representação do português como a língua do trabalho, pois, ela diz que se não a dominar, não conseguirá um emprego. Entende-se que Roama só terá competência para entrar no mercado de trabalho se tiver o domínio da língua oficial.

¹¹ Falar certo é sinônimo do domínio que deseja ter sobre a língua do outro. O sujeito sente está em falta com a língua do outro, de precisar manter-se em constante contato e aprimoramento, por isso recorrem a escola para se aprimorar (CAVALARI E UYENO, 2011).

Neste recorte, notamos a mesma interpelação que Tauane faz no recorte dois, a interpelação pela ideologia do sujeito moderno capitalista tratado por Orlandi (2008) se repete no discurso de Roama, pois ambas, tem as mesmas dificuldades por serem indígenas, a língua é uma barreira que elas terão que dominar para poder ter trabalho entre outras coisas.

Outra representação que ela faz do português é essa sendo a língua da ajuda “às vezes tem um amigo indígena que não vai saber falar em português...e ai::: se eu entender as duas língua eu posso ajudá” pode-se dizer que em seu discurso há aspectos que nos remetem a identidade cultural de Roama, pois de acordo com Woodward (2009), as representações também são compreendidas como processo cultural e estabelece identidades individuais e coletivas, neste caso a entrevistada não pensa só em si, ela pensa também naqueles com quem ela se identifica e se reconhece em seus amigos indígenas que ainda não falam português e Roama por ser indígena através da língua pretende ajudá-los.

Vejamos a seguir a análise do recorte oito.

Recorte 8: Assim:::eu quero ter conhecimento da segunda língua...e saber se comunicar::: as vezes me defender de alguma situação desagradável pra mim...que é o preconceito que eu sofro por ser da etnia Ticuna:::muitas vezes as pessoas que não é da minha etnia...muitas vezes fala de mim...ai se eu entender a segunda língua eu posso me defender desse julgamento que as vezes acontece...

Neste recorte, notamos que a informante, fala da língua como ela sendo a do conhecimento, a língua da comunicação, como “arma” para se defender, pois ela relata que sofre preconceito por ser da etnia Ticuna e também vimos a importância que ela atribui a língua portuguesa, porque se ela obter o “conhecimento da segunda língua” ela saberá comunicar-se. Observamos no discurso de Roama um conflito, tendo em vista, que não é porque ela não sabe falar português que ela não saiba se comunicar, no entanto o que ela deseja é na verdade ser visível, pois diante de uma nova realidade social, a necessidade de mudança para um “novo” modo de falar (falar português) constitui um mecanismo fundamental para lhe dar condições de visibilidade e voz no novo universo social em que está inserido (CAVALLARI & UYENO, 2011) e segundo Roama “as vezes pessoas que não é da minha etnia...muitas vezes fala de mim...ai se eu entender a segunda língua eu posso me defender desse julgamento [...]”.

Em uma segunda análise, notamos o interdiscurso, que trata-se de um conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, é uma memória discursiva

(ORLANDI, 2008), observou-se que assim como Tauane, Roama também se referiu a língua portuguesa como a língua do conhecimento, como arma, a língua para ajudar os outros, uma vez que somos sujeitos históricos e elas sobretudo carregam as marcas de como os povos indígenas eram tratados antigamente e de certa forma ainda são. Portanto, essas memórias que estavam esquecidas de repente são ativadas porque estão em busca de integrarem-se na sociedade através da língua portuguesa.

Tendo em vista esses aspectos, notamos nos processos de representação da língua para essas alunas que elas apresentam questões que nos remetem a confusões identitárias, que segundo Cavallari e Uyeno (2011), essas confusões identitárias ocorrem por causa desses desencontros que há nas entre-línguas, ou seja, a partir das representações que elas fazem da língua portuguesa elas apresentam suas identidades como sujeitos, vejamos.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos [...] (WOODWARD, p. 17, 2009).

Percebemos nas análises, que ao representar a língua portuguesa em seus discursos, as informantes faziam representações de suas identidades, através desse processo de significação dos sistemas simbólicos, como por exemplo, em algumas situações se inferiorizarem por serem indígenas e não se considerarem como pessoas civilizadas. Isto ocorre pelos processos culturais que envolvem a imagem do indígena, onde eles se sentem como um grupo desprestigiados por muitas razões e sobretudo pela língua.

Dessa maneira, não podemos deixar de perceber que as identidades dessas alunas são representadas através da língua pois “as línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69), pois em diversos momentos nas análises pudemos notar que as alunas buscam na segunda língua um meio para não se sentirem excluídas, para se integrarem ao meio social sem estereótipos, é como se elas não quisessem mais serem reconhecidas apenas como indígenas.

Considerações finais

A representação da língua portuguesa nos discursos de alunas indígenas motivou a análise desta pesquisa. Tendo em vista esse aspecto, notamos nos discurso de Tauane e Roama, além das representações sobre o português, representações de suas identidades. Tauane representa o português das seguintes formas: a língua do conhecimento, a língua não

dominada, a língua do civilizado, a língua que tem poder, a língua como arma, como símbolo de luta, como passaporte. Já Roama, representou a língua portuguesa assim: língua complicada, segunda língua, língua confusa, língua do conflito, a língua do trabalho, a língua da ajuda, língua do conhecimento, língua da comunicação, a língua como arma.

Diante do exposto, a análise nos mostrou que por conta da precisão de combater preconceito e de lutar pelo reconhecimento que os indígenas na maioria das vezes não tem, a língua portuguesa tem sido como um instrumento de empoderamento diante do não índio. Notamos que para as alunas há uma esperança de que se elas aprenderem e dominarem o português, não haverá mais diferença entre elas e os não indígenas, observamos um anseio de não se sentirem isoladas.

Quanto à construção identitária das entrevistadas, evidenciamos situações conflituosas, porque “a identidade não é uma essência mas resulta, entre outros, de processo de identificação do sujeito ao complexo de formações discursivas historicamente determinadas” (ORLANDI *apud* MAHER, 1996, p.32), pois em alguns momentos apareceu em seus discursos a ideologia de que o índio é “frágil”, “incapaz”, “não é civilizado” elas são afetadas pela historicidade, enxergando que a língua portuguesa é superior, é melhor, dará o conhecimento e o crescimento intelectual e poder a elas e aos seus povos e é certo que o indígena historicamente possuem uma imagem que por muito tempo os colocou como inferiores aos não indígenas.

É evidente nas análises, o desejo que elas tem de terem o seu lugar no mundo, e isso ocorrerá se elas estiverem o domínio da língua portuguesa, a língua é para elas um instrumento poderoso usado a seu favor para adquirirem seu espaço, terem autonomia. Portanto, entendemos que fazer com que os alunos indígenas sintam-se integrados à sociedade é importante para que eles saibam que não são diferentes ou incivilizados por não falarem a língua portuguesa, que a língua deles também é importante para constituição identitária de todos os brasileiros.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença. 1970.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BOBBIO, Norberto. et al. **Dicionário de Política**. 13. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

CAVALLARI, Juliana Santana, UYENO, Elzira Yoko. **Bilinguismo: Subjetivação e identificação nas/ pelas línguas maternas e estrangeiras**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2011.

CORACINE, Maria José. **A celebração do Outro: arquivo, memória e identidade: línguas materna e estrangeira, plurilinguismo e tradução**. Campinas São Paulo: mercado de Letras, 2007.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso: aula inaugural no college de France 1970**. 5. ed. Edições Loyola. São Paulo. 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2011.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **O ser professor índio: questões de lingua(gem) e identidade**. UNICAMP: Instituto de estudos da linguagem. 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Pontes Editores. Campinas São Paulo: 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3. ed. Pontes Editores. Campinas São Paulo: 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REZENDE, Thalita Cunha de. et al. **Metáfora**: uma ponte entre o cotidiano e a sala de aula. IN. Revista Eletrônica de popularização em ciências da linguagem da Universidade Federal de São Carlos. 2011. Disponível em: <http://<www.lettras.ufscar.edicao17>> Acesso em 17/10/18. Às 20:25.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo:1. ed. Brasiliense. 2004.

SANTOS, Rosinéa Auxiliadora Pereira dos. **Entre o estrangeiro-materno**: vozes no discurso de professores indígenas. Boa Vista: 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 2009.